

CORPO, DISCURSO E PODER: ANÁLISE DE REGISTROS LEXICOGRÁFICOS DE *MULHER*, *GORDO* E *SAUDÁVEL*

Odália Bispo de Souza e Silva¹

Resumo: Neste artigo, propomos uma retomada de alguns postulados na Análise do Discurso de linha francesa seguida de análise de verbetes extraídos de dois dicionários, publicados em contextos sócio-históricos distintos. Partimos do pressuposto de que os enunciados lexicográficos não se constituem como neutros e estaques, necessitando ser examinados na condição de acontecimento discursivo, isto é, sua emergência resulta da relação entre elementos de ordem linguística, ideológica e histórica, determinados pelas condições de (re)produção. Além disso, tendo em vista que, numa perspectiva foucaultiana, o corpo recebe novas configurações na sociedade contemporânea, os verbetes *saudável* e *gordo* serão analisados, considerando-se que refletem o poder e os mecanismos de controle que os envolvem.

Palavras-chave: Discurso; Sentido; Sujeito; Dicionário.

BODY, SPEECH AND POWER: ANALYSIS OF LEXICOGRAPHIC RECORDS OF FEMALE, FATTY AND HEALTHY

Abstract: In this article, we propose a resume of some postulates in the Analysis of the Discourse of french line followed by analysis of record sheets extracted from two dictionaries, published in contexts socio-distinct historical. We are working on the assumption that the lexicographical database project was used are not as neutral and estaques that needed to be examined under the condition of discursive event, which is its emergency arises from the relationship between elements of language, ideological and historical, determined by the conditions of (re)production. In addition, in view of the fact that, in a foucauldian perspective, the body receives new configurations in contemporary society, the record *sheets* and healthy *gordo* will be analyzed, considering the fact that they reflect the power and the mechanisms of control that involve.

Keywords: Speech; Meaning; Subject; Dictionary.

¹ Professora na Universidade Estadual de Goiás e coordenadora pedagógica do Programa Educando e Valorizando a Vida da Universidade Estadual de Goiás. Possui graduação em Letras/Português pela Universidade Federal de Goiás (2003), graduação em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser (2014), pós-Graduação lato sensu em Formação de Professor de Língua Portuguesa pela PUC-GO (2004), mestrado em Letras - Literatura e Crítica Literária pela PUC - GO (2011), doutorado em Letras-Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2016).

Introdução

Considerando a língua na sua perspectiva histórica e social, sua manifestação em forma de discurso constitui uma importante forma material da ideologia. O sujeito enunciador, por sua vez, é levado a ocupar um lugar numa determinada formação social e enuncia o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa. Portanto, “não decide sobre os sentidos e possibilidades enunciativas de seu discurso, mas está inserido num processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras, ocupando um lugar social a partir do qual enuncia”. (MUSSALIN, 2001, p. 110), tornando-se possível, então, articular sujeito, linguagem e história. Visto dessa forma, o discurso resulta dessa inserção em diversas circunstâncias enunciativas, baseado em certas condições de produção. Logo, o modo como cada enunciado lexicográfico transporta sentidos é diferenciado, tendo em vista que as diferentes condições de produção ganham sentidos na historicidade do dizer, o que permite inferir que sujeitos e sentidos podem se movimentar na história.

Tendo em vista que o dicionário, ocupando uma posição de obra de referência, configura-se como um lugar privilegiado de sustentação das evidências do sentido, pode-se propor que ele funciona como um “respeitado” instrumento de materialização e legitimação dos discursos. Neste estudo, utilizaremos alguns enunciados lexicográficos extraídos de dois dicionários distintos, publicados em contextos históricos diferentes, a saber, *Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa - PDBLP (1964)* e *Novo Aurélio Século XXI (1999)*. Considera-se, nesse caso, que se constituem como acontecimentos discursivos, que correspondem a um conjunto de regras que compõem a condição de emergência de um dado discurso, condicionado por fatores que lhe são internos e também por elementos não discursivos. Logo, “um mesmo acontecimento pode ser disperso por várias tramas e, ao mesmo tempo, dados pertencentes a categorias heterogêneas – o social, o político, o religioso... – podem compor um mesmo acontecimento”. (VEYNE, 1998, p. 44).

Então, o que nos interessa focalizar aqui é o fato de que não se pode considerar as palavras dicionarizadas como elementos estanques, nem a língua que o dicionário representa como um instrumento neutro, desvinculado do sujeito que a enuncia. Isto é, compreendemos que o enunciado lexicográfico contempla a noção de acontecimento discursivo e pressupõe a relação entre os dizeres que, no entrelaçamento que os

caracteriza, promovem rupturas e viabilizam sentidos a partir das possibilidades enunciativas que os encerra. Nossa proposta consiste, pois, em apresentar alguns conceitos fundamentais na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa e, considerando o enunciado lexicográfico como um acontecimento discursivo, propor uma análise, procurando compreendê-lo na singularidade de sua existência, tendo em vista que o surgimento de um dado enunciado e não outro representa a exclusão de outras possibilidades e garante que sua emergência só foi possível porque resulta da posição daquele que o enuncia. Neste caso, a língua será encarada como um sistema sujeito a deslizamentos e, sobretudo, como uma instituição social, constituindo-se como condição de possibilidade do discurso a partir da qual será analisada a heterogeneidade discursiva. O instrumento de análise da historicidade no dizer, inclusive no dizer lexicográfico, serão os verbetes mulher, gordo e saudável.

1. Historicidade e efeitos de sentido dos discursos

Considerando-se que não há discurso que não produza efeito e o próprio trabalho de articulação dos elementos discursivos a serem utilizados é resultante de uma ação do sujeito interagindo com a língua e fornecendo condições de produção e de interpretação, o discurso acaba por levar consigo a ideologia envolta no mundo social ao qual pertence o falante e, conseqüentemente, introduz, em seu modo de pensar, exigências específicas quanto ao papel que representa na interação social.

Embora o sentido de um enunciado decorra da possibilidade de que ele seja substituído por enunciados equivalentes na mesma formação discursiva², os efeitos de sentido provocados não serão necessariamente os mesmos, haja vista que cada enunciação está submetida a uma condição de produção específica. Fernandes (2007, p. 58/59) afirma que uma formação discursiva não se limita a uma época apenas: “em seu interior, encontramos elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros

² Apesar de Jacques Guilhaumou (2007) afirmar que esse termo caiu em desuso, consideramos tal noção fundamental para o que se propõe neste estudo. “No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos) diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*”. (FOUCAULT, 1995, p. 43).

momentos históricos, mas que se fazem presentes sob novas condições de produção, [...] possibilitando outros efeitos de sentido”. Existem determinações, características múltiplas de uma situação concreta, que condicionam a produção de um enunciado e que permeiam um processo discursivo. Logo, os sentidos são diferentes conforme as diferentes formações discursivas.

Em *Discurso: estrutura ou acontecimento* (2006), Pêcheux analisa a relação indiscernível entre a descrição e a interpretação. De um lado estão os aspectos reais da língua em sua espessura, sujeita a equívocos e, de outro lado, estão situadas as interpretações e possibilidades de discursos pautados na própria base linguística. De acordo com Denise Maldidier, “a posição de Pêcheux toma o rumo inverso das interpretações empiricistas da enunciação que identificam os traços linguísticos da enunciação com a figura de um sujeito, centro e fonte do sentido”. (2003, p. 42). Podemos inferir, portanto, que na concepção do precursor da Análise do Discurso de linha francesa, a produção dos sentidos está intrinsecamente ligada à constituição dos sujeitos e não há como separar manifestação linguística de embates ideológicos que, por sua vez, possuem relação com a história e com a sociedade.

Em uma perspectiva semelhante, Foucault, na sua análise da forma como a História se constitui, concebe o enunciado discursivo, produzido por indivíduos que com ela se envolvem, em sua função enunciativa, considerando o fato de que é sempre produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas. Nesse caso, o sujeito é pensado como um construto realizado, historicamente, por práticas discursivas. “O enunciado não é, em si mesmo, uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço”. (FOUCAULT, 2008, p. 99). Então, o que enunciamos são possibilidades de combinações resultantes de relações pré-estabelecidas, que comparecem, no momento da enunciação àquele que enuncia.

O discurso, por sua vez, se liga a localizações institucionais e é determinado por regras sócio-históricas que possibilitam que ele seja um enunciado. Além disso, conforme se verifica na citação acima, o conceito foucaultiano de discurso pressupõe a ideia de que ele emerge no conjunto de enunciados e se integra, portanto, a um jogo enunciativo. Tal concepção de discurso remete à ideia de prática discursiva, uma vez que se constitui como um conjunto de enunciados e os enunciados são performances verbais em função

enunciativa. Isto é, os discursos são práticas que formam os objetos de que falam e só podem ser definidos nos contextos das relações que os constituem.

Foucault, na fase denominada *arqueológica*, ao propor uma análise da forma como a História se constitui, faz instaurar questionamentos como: o que torna possíveis tais e tais discursos tidos como verdadeiros em determinados momentos históricos? Seriam os sujeitos que fazem a história ou esta faz-se a si mesma por intermédio deles e neles? É nesse sentido que procuramos compreender, com base em sustentações teóricas e a partir da análise dos enunciados lexicográficos extraídos de dicionários publicados em épocas distintas, os mecanismos que envolvem a (re)atualização de significados, isto é, a emergência de enunciados diferentes sobre uma mesma entrada lexical.

Já que partimos do pressuposto de que os enunciados lexicográficos assumem características discursivas (e não palavras isoladas em poças de água parálítica, “em situação dicionária”, como ressalta João Cabral de Melo Neto na poesia *Rio sem discurso*) e os discursos estão sempre se movendo, sofrendo transformações para acompanhar as mudanças sócio-políticas que integram a vida humana, então, “cada texto nasce de um permanente diálogo com outros textos; por isso, não havendo como encontrar a palavra fundadora, a origem, a fonte, os sujeitos só podem enxergar os sentidos no seu pleno vôo”. (GREGOLIN, 2001, p. 10). Nossa busca consiste em examinar o conjunto de condições que determinam a aparição de certos enunciados, sua estabilização, seu caráter “de verdade”, surgindo em um dado momento e em uma sociedade específica, ou seja, “examinar o jogo das regras que determinam, em uma cultura, a aparição e o desaparecimento dos enunciados, sua permanência e sua supressão, sua existência paradoxal de acontecimento”. (GREGOLIN, 2001, p. 16).

Considerando-se que assumir o discurso como sendo situado num jogo de enunciados possíveis em dada rede é vê-lo na perspectiva de acontecimento discursivo, emerge a necessidade de determinar as suas condições de existência, reconhecer seus limites e estabelecer correlações com outros enunciados aos quais ele eventualmente possa estar vinculado, evidenciando, portanto, que outras formas de enunciação ele exclui. Assim, o que é enunciado em uma dada manifestação discursiva representa conjuntos discursivos que apenas teriam permanecido implícitos, não sendo, entretanto, inteiramente novos, uma vez que há um número de relações que podem ser determinadas a partir de sua irrupção.

Na perspectiva foucaultiana, tomar o discurso como acontecimento enunciativo é reconhecer que ele não é independente, nem solitário, nem soberano. Nesse caso, o discurso pode se articular com acontecimentos que não são, necessariamente, de natureza discursiva, “mas que podem ser de ordem técnica, prática, econômica, social, política” (FOUCAULT, 2008. p. 94). Logo, há um jogo de relações que emanam do campo dos acontecimentos discursivos. O trabalho do analista desse discurso constitui-se, então, em descrever tais jogos de relações, considerando, evidentemente, um conjunto de condições nas quais está inserido o sujeito enunciador e que tornam possíveis e valorativos determinados acontecimentos discursivos em uma dada cultura. Isto é, as condições de produção e recepção de um dado discurso.

Comparando-se, por exemplo, um mesmo verbete constante tanto no *Novo Aurélio Século XXI* (1999) quanto no *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa - PDBLP* (1964), pode-se inferir que a inserção de termos em um dicionário e/ou a ampliação de seus respectivos significados é decorrente de mudanças materiais, sociais, históricas e culturais que acontecem na sociedade, evidenciando, portanto, que o efeito de sentido provocado pelo discurso dicionarístico é inerente às suas condições de produção.

2. Análise do verbete *mulher*

Na perspectiva foucaultiana, tomar o discurso como acontecimento enunciativo é reconhecer que ele não é independente, nem solitário, nem soberano. Nesse caso, o discurso pode se articular com acontecimentos que não são, necessariamente, de natureza discursiva, “mas que podem ser de ordem técnica, prática, econômica, social, política” (FOUCAULT, 2008. p. 94). Logo, há um jogo de relações que emanam do campo dos acontecimentos discursivos. O trabalho do analista desse discurso constitui-se, então, em descrever tais jogos de relações, considerando, evidentemente, um conjunto de condições nas quais está inserido o sujeito enunciador e que tornam possíveis e valorativos determinados acontecimentos discursivos em uma dada cultura. Isto é, as condições de produção e recepção de um dado discurso.

Comparando-se, por exemplo, um mesmo verbete constante tanto no *Novo Aurélio Século XXI* (1999) quanto no *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa - PDBLP* (1964), pode-se inferir que a inserção de termos em um dicionário e/ou a

ampliação de seus respectivos significados é decorrente de mudanças materiais, sociais, históricas e culturais que acontecem na sociedade, evidenciando, portanto, que o efeito de sentido provocado pelo discurso dicionarístico é inerente às suas condições de produção.

Mulher, s. f. Pessoa do sexo feminino, depois da puberdade; esposa (aím.: *mulherão, mulherança, mulherona* — à-toa (Bras.) (pop.), — da comédia (Bras., São Paulo) (pop.), — da rótula (Bras., Rio de Janeiro) (pop.), — da rua ou — da vida (Bras.), — de má nota, — de ponta de rua (Bras., Norte), — do fado, — do fadango (Bras., São Paulo) (pop.), — do mundo (Bras.) (pop.), — do pala aberto (Bras., São Paulo) (pop.), — errada, — perdida, — pública, — vadia (Bras.) (V. Meretriz).

Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa (1964)

mulher. [Do lat. *muliere.*] S. f. 1. O ser humano do sexo feminino. 2. Esse mesmo ser humano considerado como parcela da humanidade: **os direitos da mulher.** 3. mulher (1) na idade adulta. 4. *Restr.* Adolescente do sexo feminino que atingiu a puberdade; moça. 5. Mulher dotada das chamadas qualidades e sentimentos femininos (carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição): **Como mulher, sabe apoiá-lo na justa medida.** 6. A mulher (1) considerada como parceira sexual do homem. 7. Cônjuge do sexo feminino; a mulher em relação ao marido; esposa. 8. Amante, companheira, concubina. 9. Mulher que apresenta os requisitos necessários para um determinado empreendimento para um determinado encargo: **mulher de negócios.** 10. Uma mulher (1) qualquer; dona: **Quem telefonou? — Uma mulher.** [Aum., nas acepç. 1, 3 a 6: *mulherão, mulherança e mulherona.*] ♦ **Mulher da sociedade.** A que frequenta a alta sociedade e conhece seus hábitos e costumes. **Ser como a mulher de César.** Ser mulher de reputação inatacável.

Aurélio Século XXI (1999)

Observando-se o artigo lexicográfico **mulher**, verifica-se, por exemplo, no PDBLP: *pessoa do sexo feminino* e *esposa*. Isto é, há uma redução do termo a uma função específica (*esposa*) e a *mulher*, no caso, não é considerada *ser humano*, tal como define o *Aurélio Século XXI*. Além disso, a maior parte dos elementos que compõem o enunciado lexicográfico, no primeiro caso, está voltada para o emprego popular do termo: *da comédia, da má nota, do mundo, vadia*. Tais sentidos, que parecem estar resguardados num valor moral e social pouco significativo que a mulher possuía à época, hoje, adquirem conotação altamente pejorativa e inconcebível. Para Sílvia Helena Barbi Cardoso (2003, p. 132), “palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo posições sustentadas por aqueles que as empregam, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem”.

Destaca-se, também, que o registro da entrada **mulher** proposto pelo *Aurélio Século XXI* permite identificar uma mulher diferente daquela mencionada no PDBLP. Além de *ser humano*, tem-se: *Mulher dotada das chamadas qualidades e sentimentos femininos (carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição)*. Trata-se de

uma referência à mulher como importante figura para a constituição da família. Verifica-se ainda: *A mulher considerada como parceira sexual do homem; amante, companheira, concubina*. Nesses casos, ainda que faça alusão ao papel sexual da figura da mulher, não se trata de uma *vadia*. Compreende-se que, tomado numa perspectiva discursiva, os significados que emergem do enunciado lexicográfico não são fixos, isto é, movem-se, sofrendo transformações de natureza social, histórica e política.

Ainda de acordo com o *Aurélio Século XXI*, encontra-se *Mulher que apresenta os requisitos necessários para um determinado empreendimento, para um determinado encargo*. Isso sugere uma (re)atualização dos significados inerente às próprias mudanças que aconteceram na sociedade e, nesse caso, quanto ao valor que a mulher adquiriu fora do âmbito familiar, alcançando função de destaque no mundo corporativo. Essa imagem de mulher imersa no universo empreendedor comparece, também, no exemplo criado pelo próprio autor: *mulher de negócios* e na locução *Mulher da sociedade*. Dessa forma, considera-se inócuo não reconhecer o fato de que o sujeito está imerso na história e produz discursos, conforme essa imersão. Esse pressuposto se configura já no nome que dá título à obra de Aurélio Ferreira: um dicionário que se propõe a ser a representação da língua no século XXI precisa assumir, nos sentidos que veicula, valores próprios a esse século.

Logo, são os elementos, as figuras, as temáticas dos quais se utiliza o lexicógrafo que produzirão efeitos de sentido elucidados no próprio discurso e que se configuram como sua respectiva visão de mundo. E, portanto, estabelecer sentido aos respectivos discursos, isto é, compreendê-los significa apreender as suas várias possibilidades, estabelecendo relações (que produzem efeitos de sentido) com os diferentes processos de significação. Então, o ato de compreender não consiste necessariamente em atribuir sentidos, mas explicitar o modo como determinada manifestação discursiva produz sentidos.

Com base nisso, o discurso veiculado pelo dicionário é vislumbrado neste estudo, considerando-se que ele está inserido em uma rede que envolve, por um lado, o quadro das instituições em que é produzido, as quais possuem o poder de delimitá-lo, bem como os embates históricos e sociais que se cristalizam na sua materialização e, por outro lado, o espaço que cada discurso configura para si mesmo no interior de uma rede discursiva. O efeito de sentido provocado por essa teia discursiva é resultante de um embate que se trava na trama da história de uma sociedade, uma vez que o discurso enunciado constitui-se como o espaço de confrontos materializados em acontecimentos discursivos e a

produção dos sentidos construídos nesse viés é resultante do embate discursivo que se estabelece na teia que mantêm imbricadas história e sociedade, em uma lógica na qual perpassam as mentalidades de uma época e as influências que monitoram o pensamento e as formas de dizer daquele que enuncia. Grigoletto afirma que “os lugares discursivos são construídos pelo sujeito na sua relação com a língua e a história. Mas essa discursivização só acontece porque há uma determinação da formação social que institui determinados lugares [...]” (2007, p. 129).

3. Corpo, discurso e poder: novos dizeres, novos sentidos

É fundamental ressaltar, ainda, que discurso constitui-se no espaço em que, necessariamente, saber e poder se articulam, já que quem fala, fala de um lugar específico, conforme os direitos que lhe são outorgados institucionalmente. “O sujeito sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, e isso é constitutivo do seu discurso”. (GRIGOLETTO, 2007, p. 128) Por conseguinte, esse discurso, que adquire valor de verdade, que transporta para o receptor o saber é, também, gerador de poder. Assim, pensar o discurso do dicionário é considerar que ele não pode ser analisado apenas e simplesmente sob seu aspecto linguístico, mas como inserido em um jogo estratégico em que estão envolvidas as suas condições de produção e seus efeitos de sentido, que resultam, inclusive, do lugar social ocupado pelo dicionarista em nossa sociedade. Isto é, aquele que detém as informações “verdadeiras” sobre o significado das palavras em uma língua.

Conforme Fonseca (2003, p. 16), “seja dispersão nos diferentes *status* que recebe, seja nas diversas posições que ocupa quando exerce um discurso, seja ainda na descontinuidade dos planos de onde fala”, ao descrever um enunciado, não se faz necessário analisar as relações entre o autor e o que foi proferido por ele, mas busca-se determinar qual é a posição que pode e deve ocupar qualquer indivíduo para ser o seu sujeito. Infere-se, com isso, que uma concepção unificante do sujeito deve ser rejeitada, uma vez que a função sujeito, nessa perspectiva, é vazia, constituindo-se como um espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos que o ocuparão no momento mesmo da enunciação.

O efeito de sentido provocado por essa teia discursiva é resultante de um embate que se trava na trama da história de uma sociedade, como decorrência das posições

sustentadas por aqueles que enunciam. De acordo com Cardoso (2003, p. 132), “palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que significa que elas tomam o seu sentido em referência a essas posições”, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições e inscrevem. Considerando-se as movências dos sentidos e o fato de que os enunciados sempre se inscrevem num jogo de relações pautadas em elementos sociais, ideológicos e históricos determinantes, podemos ressaltar que, de acordo com o modo como as sociedades vão construindo suas subjetividades, torna-se possível analisar os discursos, bem como as práticas de subjetivação que são exercidas nas mais diferentes esferas da sociedade. Nessa perspectiva, mecanismos de poder são postos em evidência para que diferentes formas de controle sejam exercidas sobre os sujeitos de modo que não há como escapar delas. Essa abordagem encontra-se fundamentada em diversos estudos propostos por Foucault sobre as sociedades contemporâneas e constitui-se como objeto de análise de vários pesquisadores contemporâneos.

Tendo em vista que a partir da possibilidade de ação sobre a ação dos outros, organizam-se e definem-se múltiplas formas de poder, então, ao se analisar o poder, verifica-se o modo como o domínio de estratégias entre indivíduos ou grupos caracteriza-se como um conjunto de relações que podem recorrer a técnicas e procedimentos diversos, dependendo dos casos, dos quadros institucionais em que se desenvolve e dos grupos sociais e épocas. Consequentemente, a dominação constitui-se como uma estrutura global de poder cujos reflexos e ramificações podem ser encontrados nas relações mais tênues da sociedade, o que culmina na ideia de que não há possibilidade de o sujeito escapar ou fugir dessas relações de poder.

Considerando-se que, conforme Foucault, os mecanismos e os efeitos dos diversos dispositivos de poder são exercidos nos diferentes níveis da sociedade e que, em busca do entendimento das relações de poder, é possível encontrar os sujeitos, entende-se que, para um estudo embasado numa proposta de análise discursiva, é fundamental analisar como as sociedades vão construindo suas subjetividades e examinar as práticas de subjetivação que são exercidas nos diferentes âmbitos sociais. Nesse sentido, é que acrescentaremos a este estudo uma abordagem sobre as novas concepções de corpo imbricadas à ideia de poder disciplinar e de controle que comparecem nos discursos sustentados em embasamentos científicos e tecnológicos para legitimar determinados valores, contribuindo para determinação de sentidos específicos.

Cláudio Lúcio Mendes, retomando os postulados de Foucault para as configurações que o corpo recebe nas sociedades contemporâneas, afirma:

O corpo é ao mesmo tempo uma massa, um invólucro, uma superfície que se mantém ao longo da história. [...] o corpo é um ente, composto por carne, ossos, órgãos e membros, isto é, matéria, literalmente um *locus* físico e concreto. Essa matéria física não é inerte, sem vida, mas sim uma superfície moldável, transformável, remodelável por técnicas disciplinares e de biopolítica. Com isso, o corpo é um ente – com sua propriedade de “ser” –, que sofre a ação das relações de poder que compõem tecnologias políticas específicas e históricas. (MENDES, 2006, p. 168)

O comparecimento da ideia de que o corpo está vinculado ao poder disciplinar e de controle permite-nos reconhecer que os princípios moduladores das sociedades de controle acabam por subjetivar os sujeitos, sem necessitar das instituições, como ocorriam nas sociedades disciplinares. “É preciso compreender que analisar a microfísica do poder significa entender os procedimentos técnicos que têm por objetivo o controle minucioso do corpo. [...] Seus mais detalhados gestos”. (PANIAGO, 2005, p. 85).

Diante disso, optamos por analisar alguns verbetes dicionarísticos, procurando implementar uma reflexão sobre a forma como o corpo é representado neste instrumento – o dicionário – considerado reprodutor de verdades sobre as palavras de uma língua. Nesse caso, colocamo-nos na condição de analistas de discurso (já que o enunciado lexicográfico é considerado, neste trabalho, como discurso), em busca dos efeitos de sentido provocados pelos verbetes selecionados, considerando-os como produto de valores histórico-sociais, refletindo os mecanismos de compreensão de uma época e gerando gestos de interpretação. Consideramos que os significados, tomados como verdades, são situados e que na sua constituição, existem elementos provenientes de diferentes espaços sociais e em momentos históricos distintos, que se fazem presentes sob novas condições de produção, integrando novo contexto e possibilitando efeitos de sentido distintos. E, procurando estabelecer um elo com as relações de poder próprias a essa sociedade e que repercutem nas formas de dizer dos sujeitos (inclusive dos lexicógrafos), é que destacamos o seguinte postulado foucaultiano:

Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essa

produções de verdades têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam. (2003, p. 229).

Reproduziremos a seguir os verbetes *gordo* e *saudável* (em função dos objetivos e dos limites que envolvem esta pesquisa, utilizaremos apenas estes dois verbetes), também extraídos do *Pequeno Dicionário de Língua Portuguesa - PDBLP (1964)* e *Novo Aurélio Século XXI (1999)*³. Partimos de pressuposto de que esses verbetes são pertencentes a um campo semântico que remete de alguma maneira ao corpo e serão tomados como *corpus* de análise para examinarmos o modo como foram constituídos e em que dimensão é possível reconhecer as formas de poder e controle exercidas sobre os indivíduos e que se fazem presentes também nas “verdades inquestionáveis” veiculadas pelos dicionários. Nesse caso, concordamos com Orlandi (2001, p. 8) ao afirmar que ver o dicionário como parte da relação com a sociedade e com a história o transforma em objeto vivo, “parte de um processo em que os sujeitos se constituem em suas relações e tomam parte na construção histórica das formações sociais com suas instituições, e sua ordem cotidiana”.

Gordo (ô), *adj.* Semelhante à *gordura*; untuoso; que tem *gordura*; de tecido adiposo desenvolvido; sujo de *gordura*; (fig.) apto para boa produção (terreno); alentado; considerável; importante; (V. *Alvenaria*, *Argila*, *Dia*, *Domingo*, *Letra*, *Sábado* e *Têrça-feira*) (pl.: *gordos* (ô); aum.: *gordacho*, *gordacho*, *gordalhaço*, *gordalhão*, *gordalhudo*, *gordalhufo*, *gordanchudo*, *gordão*); s. m. qualquer substância *gorda*; homem *gordo*.

PDBLP (1964)

gordo (ô). [Do lat. *gurdu*, ‘grosseiro’, ‘rude’; ‘estúpido’, ‘tolo’.] **Adj.** 1. Que tem *gordura*; untuoso; gorduroso, gorduroso, grassento, grasso, graxo: **carne gorda**. 2. Que tem excesso de tecido adiposo desenvolvido: **criança gorda**. [Aum., nesta acepç.: v. *gordalhão*.] 3. V. *gorduroso* (2). 4. Semelhante à *gordura*. 5. **Fig.** Alentado, volumoso: **“tirou das algibeiras das calças dois gordos maços de notas”** (Coelho Neto, *Turbilhão*, p. 200); “Uma mulher abriu a porta, o corpo bloqueando a entrada; para entrar eu teria que me esfregar nos seus peitos **gordos**.” (Rubem Fonseca, *A Coleira do Cão*, p. 169). 6. **Fig.** Avultado, considerável: **uma gorda quantia**. 7. Diz-se do terreno fértil: **as terras gordas do Sul**. 8. **Bras.** Diz-se das cartas pertencentes aos naipes de copas e espadas: **carta gorda; dama gorda; ás gordo**. [Tb. us. como s. f., mas só em relação à palavra *carta*: **Bateu a parada com uma gorda**.] 9. **Tip.** Preto (7). ~ V. *ácido* —, *alvenaria* —a, *argamassa* —a, *argila* —a, *cal* —a, *dia* —, *dias* —s, *domingo* —, *letra* —a, *de letras* —as, *olho* —, *sábado* — e *terça-feira* —a. • **S. m.** 10. Qualquer substância *gorda*: **o gordo do porco**. 11. Indivíduo obeso, gordo. [Sin., pop., deprec., nesta acepç.: *baleia*, *hipopótamo* e (bras.) *boi, elefante*. Aum., nesta acepç.: v. *gordalhão*.]

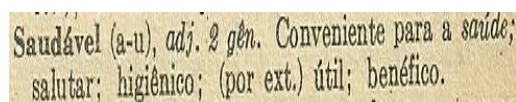
NOVO AURÉLIO SÉCULO XXI (1999)

Partindo da materialidade para chegarmos aos processos discursivos, apesar de algumas semelhanças, podemos destacar formas diferentes de produzir sentidos para a

³ Tanto os verbetes quanto os dicionários foram selecionados de forma aleatória, numa tentativa de encontrarmos materializados os discursos com os quais hipoteticamente estamos trabalhando.

palavra *gordo* nos dois dicionários utilizados aqui. Se considerarmos que essa palavra, na sociedade contemporânea, remete a uma carga semântica altamente negativa – ser gordo não é bonito, nem plausível –, e que, certamente, em épocas anteriores, tal como a que possivelmente era vivenciada quando o PDBLP foi veiculado, era diferente, podemos dizer que esses enunciados lexicográficos adquirem características discursivas e atestam, de fato, modos específicos de se produzir conhecimentos em determinadas conjunturas históricas, reforçando, sobretudo no *Novo Aurélio Século XXI*, como as novas configurações sobre o corpo comparecem também nos dicionários, embora sejam considerados por muitos como instrumentos neutros.

No primeiro caso, ainda que para apresentar sentidos figurativos, comparece: *apto para boa produção; considerável; importante*, o que nos remete a valores, de certa forma, positivos para essa palavra. No segundo caso, não encontramos, dentre os onze (11) possíveis sentidos atribuídos a essa acepção, nenhuma referência a qualquer aspecto considerado positivo. Pelo contrário, além desses elementos negativos comporem o corpo do enunciado lexicográfico, alguns exemplos selecionados pelo autor corroboram nossa hipótese de que encontramos nos dicionários indícios das formas de poder e controle exercidas sobre o corpo, como: “*Uma mulher abriu a porta, corpo bloqueando a entrada..., para entrar eu teria que me esfregar em seus peitos gordos*”. (Rubem Fonseca, *A cólera do cão*, p. 169). Infere-se que não há como desvincular o sentido aplicado a essa entrada lexical das novas configurações adquiridas pelo corpo, a saber, a supervalorização da magreza em detrimento da gordura, considerada algo feio e deselegante.



Saudável (a-u), adj. 2 gên. Conveniente para a saúde; salutar; higiênico; (por ext.) útil; benéfico.

PDBLP (1964)

saudável (a-u) [Do lat. vulg. *salubile, pela f. *sauda-belle.] Adj. 2 g. 1. Conveniente à saúde; salutar, higiênico:  clima saudável. 2. Que tem saúde física; robusto, forte:  criança saudável. 3. P. ext. Útil, benéfico, proveitoso, vantajoso. 4. Que tem ou revela saúde de espírito, mentalidade limpa e bem-formada:  Uma pessoa saudável valoriza as belas coisas da vida; Tem um riso saudável; Sua presença é saudável. 5. P. ext. Que proporciona ao espírito vantagem ou bem-estar; proveitoso, profícuo, benéfico, benfazejo, salutar:  conselho saudável; leitura saudável. [Pl.: saudáveis. Cf. saudáveis, do v. saudar.]

NOVO AURÉLIO SÉCULO XXI (1999)

Da mesma forma que o verbete anteriormente citado, *saudável* apresenta uma carga semântica que nos permite fazer referência a elementos que remetem às formas de vigilância e controle do corpo propostos por Foucault. Se considerarmos os sinônimos *higiénico*; *útil*; *benéfico* utilizados para explicar a entrada lexical nos dois dicionários, podemos inferir que há aqui uma relação entre o significado do termo e uma espécie de controle (que naturalmente recai sobre o corpo): é necessário ser saudável, pois assim, pode-se ser útil e benéfico para a sociedade. Nesse sentido, Paniago, em referência aos postulados de Foucault sobre os mecanismos de poder exercidos sobre o corpo, afirma: “E é justamente por possuir essa eficácia produtiva que o poder volta-se para o sujeito, mais especificamente, para o corpo do sujeito, não essencialmente para reprimi-lo, mas para adestrá-lo, torná-lo dócil e útil para a sociedade” (PANIAGO, 2005, p. 87).

Observando-se o que comparece no significado 4 no *Novo Aurélio Século XXI*, *Que tem ou revela saúde de espírito, mentalidade limpa e bem-formada: uma pessoa saudável valoriza as belas coisas da vida; Tem um riso saudável* podemos apontar para uma construção de verdade acerca do termo *saudável* que tem relação com um corpo hábil e eficaz, colocando em prática a interiorização de normas e regras para uma vida normatizada e protegida pelo invólucro da sociedade de consumo: é preciso fazer viagens, ir ao dentista etc. para que se seja saudável e, por conseguinte, feliz. Nessa perspectiva, Claudio Lúcio Mendes ressalta: “O corpo deve cumprir seu papel. Para isso, está trelado a formas de atuação, a mecanismos de controle, a formas ‘econômicas’ de usá-lo e pensá-lo”. (MENDES, 2006, p. 172).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nosso ver, somente em decorrência de se tomar o dicionário como discurso, torna-se possível viabilizar análises que permitam explicitar a relação entre sujeito e história no fazer lexicográfico, tendo em vista que, na explicação dos sentidos possíveis e materializados em uma palavra-entrada, as condições sócio-históricas em que tais se sentidos se constituíram são evidenciadas. Acreditamos que somente na perspectiva discursiva é possível investigar as características dos exemplos que compõem o corpo da microestrutura dos dicionários, bem como os elementos histórico-ideológicos que os constituem e os efeitos de sentido por eles provocados.

Além disso, Através das análises desses enunciados lexicográficos, podemos concluir, conforme Foucault, que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2002 p.118). Percebemos, ainda, o quanto a cultura, os modos de produção e economia, os hábitos etc. influenciam não só na construção de valores sociais, mas também na construção de verdades e práticas. Assim, o dicionário, como sendo o lugar em que é possível reconhecer os modos de dizer de uma sociedade e os discursos que circulam em certas conjunturas históricas, não podem ser tomados, em hipótese alguma, como o lugar da reprodução de sentidos neutros, desconsiderando-se a existência de condições específicas de sua produção e as circunstâncias de sua enunciação. Portanto, o fato de que nas sociedades contemporâneas, surgem novos sujeitos cada vez mais preocupados com a estética, o cuidado de si e a aparência os dicionários postulam significados, como os observados neste estudo, de forma que torna-se inadmissível, no mundo contemporâneo, mostrar qualquer tipo de descuido com a boa forma do corpo.

Esperamos, por conseguinte, com esta pesquisa contribuir para uma reflexão acerca do caráter discursivo dos dicionários, desmitificando a ideia de que a palavra em situação dicionária encontra-se isolada e estanque no poço dela mesma. Na perspectiva aqui adotada, a unidade lexical veiculada pelo dicionário é apenas um elemento na teia discursiva, constituindo-se, simultaneamente, como matéria-prima e como produto dos diálogos sociais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica ao sujeito*. 2 ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2008.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2005.
- CARADOSO, Sílvia Helena Barbi. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONSECA, Márcio Alves. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Problematização do Sujeito: psicologia e psiquiatria*. Vol. I. Tradução de Dits et écrits: Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução: Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Vol. IV. Tradução de Dits et écrits: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 18 ed. Edições Loyola: São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Vol. II. Tradução de Dits et écrits: Manoel Barros de Motta. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso: os sentidos e suas movências. In: GREGOLIN, M. do R. et al. (org.) *Análise do Discurso: entorno do sentido*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001. p. 09-34.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: INDURSKI, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Análise do Discurso: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. (p. 123-134)

GUILHAUMOU, Jacques. Os historiadores do discurso e a noção-conceito de formação discursiva: narrativa de uma transvaliação imanente. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007. p. 105-117.

MALDIDIER, Denise. *A Inquietação do Discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. In: *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167 – 181, abril de 2006. Disponível em <www.cfh.efsc.br/revista/rch/RCH39_artigo_9.pdf>

MUSSALIN, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, 2004. p. 101- 142.

PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos. *Práticas Discursivas de Subjetivação em Contexto Escolar*. Araraquara: UNESP, 2005. Tese (doutorado em Letras), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DE LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1964.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

PIETROFORTE, A. V. S.; LOPES, I. C. Semântica Lexical. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto: 2004. p. 111-135.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1998.